

RASTO DE SANGUE

RASTO DE SANGUE

Luís Flávio Santos

Autor: Luís Flávio Santos
Coverdesign: Luís Flávio Santos
ISBN: 9789403709581
© 2023, Luís Flávio Santos

1

Outubro. A noite caiu sobre aquela sossegada vila. Os vários lampiões espalhados pelas ruas ligaram-se e estas iluminaram-se. Nelas não se via vivalma; toda aquela pacata área estava deserta. Ou, pelo menos, assim parecia.

Numa quinta ali existente, os animais, na sua maioria cabras, estavam irrequietos; algo os perturbava. Balias sem parar, fazendo com que os donos daquele lugar, um casal, fossem verificar o que se estava a passar.

Transportando consigo uma arma, o homem dirigiu-se até ao curral onde as cabras ficavam durante a noite. Pronto a disparar, caso tal fosse necessário, foi-se aproximando. Subitamente, do interior daquele curral vieram uns horríveis sons. Conseguia ouvir as várias cabras balirem desesperadas. Algo estava a matá-las. Apressando-se, o homem aproximou-se, agarrou na porta do curral e puxou-a com força.

De lá de dentro veio um rugido aterrador. Algo de outro mundo. E com uma brutal rapidez duas patas alcançaram o indivíduo, agarrando-o e puxando-o para dentro. A sua mulher, que tentara ir em seu socorro, não teve tempo de reagir; também ela logo foi arrastada para o interior daquele curral.

2

Eduardo e Marco ouviam um pouco por toda a vila os rumores que circulavam entre os habitantes: “foi um dos animais daquele Delacourt”, “foi o tigre que ele tem naquele zoo privado dele”, “a culpa é dele”, dizia toda a gente.

Referiam-se ao homem mais abastado numa área de dezenas de quilómetros, e Eduardo e Marco também o conheciam, embora nada, ou quase nada, soubessem acerca dele. Delacourt era, na verdade, um sujeito misterioso que pouco se mostrava; uma figura excêntrica que vivia numa enorme herdade daquela vila, juntamente com a sua esposa, Olívia Delacourt, e alguns empregados.

Era sabido que fizera fortuna com um centro de pesquisas do qual tinha sido dono – talvez ainda fosse – ninguém o sabia, e que mantinha nos terrenos da sua herdade uma espécie de jardim zoológico privado. Entre as espécies que lá habitavam sabia-se que existiam ursos, leões e um tigre-de-bengala, o qual as pessoas achavam ser o responsável pela carnificina ocorrida.

Eduardo e Marco, dois amigos de longa data e tratadores de animais numa reserva fora daquela vila, também colocavam a hipótese de ter sido esse tigre o responsável pelas mortes, embora nenhum dos dois estivesse totalmente convencido. Naquela tarde, num